

MARIA BARBARA DE FREITAS PIRES FRAGA

**PLANOS DE AULA –
PROPOSTA DE ESTUDOS E REFLEXÕES SOBRE A FALTA DE MODELOS DE
PLANOS DE AULA PARA SEREM APLICADOS POR ESTUDANTES DO CURSO
DE LICENCIATURA EM ARTE EDUCAÇÃO**

BRASÍLIA

2011

MARIA BARBARA DE FREITAS PIRES FRAGA

MONOGRAFIA

**PROPOSTA DE ESTUDOS E REFLEXÕES SOBRE A FALTA DE MODELOS DE
PLANOS DE AULA PARA SEREM APLICADOS POR ESTUDANTES DO CURSO
DE LICENCIATURA EM ARTES PLÁSTICAS**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Plásticas, habilitação em Artes Plásticas, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

BRASÍLIA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA BARBARA DE FREITAS PIRES FRAGA

MEU PROJETO DE GRADUAÇÃO

Relatório de Monografia de Graduação aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Artes Plásticas, Habilitação em Artes Visuais, da Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora Prof^a. Dr^a. Thérèse Hofmann Gatti

Professora Ms. Rosana Castro
Examinadora

Professora Ms. Lisa Minari
Examinadora

Aos meus familiares
Dedico

AGRADECIMENTOS

A
Professora Thérèse,
Pela atenção e dedicação ao meu trabalho, e o encorajamento nos
momentos difíceis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	2
2.1 Objetivo Geral	2
2.2 Objetivo específico:	2
3. JUSTIFICATIVA.....	2
4. METODOLOGIA.....	3
5. DESENVOLVIMENTO.....	3
5.1 A realidade dos estágios na UnB.....	3
5.2 Os teóricos.....	5
5.3 Descrição das Experiências obtidas em sala de aula.....	7
5.4 As aulas de artes e a importância dos planos de aula.....	13
5.5 Modelos de planos de aulas baseados nos PCN'S e na LDB.....	15
CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
ANEXOS.....	22

INTRODUÇÃO

“A arte é uma das mais inquietantes e eloqüentes produções do homem. Arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento da arte. E fazem parte de nosso universo conceitual, estreitamente ligado ao sentimento de humanidade.”(FUSARI,FERRAZ, 1993).

No curso de Licenciatura em Artes Visuais temos que cumprir a obrigatoriedade de cursar três estágios de formação de docência. As ementas (conteúdos programáticos) das disciplinas Estágio “1”, Estágio “2” e Estágio “3”, “propõem atividades que visam o contato com as bases teóricas e as possibilidades metodológicas, além da documentação que orienta a prática atual, a elaboração de planos de aula, a prática pedagógica em sala de aula e a estruturação de um pensamento crítico em relação á realidade do ensino da arte. (Panitz, 2010)

Cada estágio tem um foco principal, em Estágio “1” temos a ênfase na História da Arte/Educação, em Estágio “2” a Metodologia, e Estágio “3” a reflexão sobre os Processos Avaliativos.

Desde o início do curso, criei expectativas e ansiedades para entrar em sala de aula. Idealizei colocar em prática uma aula completa com participações e resultados. Porém esta expectativa se transformou em frustração, pois, quando iniciei o processo de preparação dos planos de aulas que seriam aplicados nos estágios obrigatórios de participação e regência, vi que me sentia despreparada e insegura para enfrentar uma sala de aula.

Durante as matérias pedagógicas do curso vi e estudei diversos tipos de ensinamentos e de teorias. Estudei vários autores tais como: Wallon, Vigotsky, Piaget, Ana Mae, Florestan Fernandes, Paulo Freire, entre outros. Mas quando precisei deles para montar os planos de aula, não senti onde efetivamente poderia utilizar e praticar tantas teorias, o certo seria em sala de aula, mas quando? E em qual momento? Devia dar composição de cores? Ou falar dos movimentos artísticos? Em qual seqüência? E principalmente, como preparar estas aulas práticas?

Todas estas questões eu tive que resolver sozinha. Infelizmente os professores das disciplinas de didática, fundamentos de ensino e aprendizagem,

estágio1, estágio 2 e estágio 3, ao serem questionados por mim sobre como montar um plano de aula prático simplesmente me diziam: se vira!!!!

Bom, eu me virei e ao chegar neste momento de conclusão do curso pretendo deixar minha reflexão e contribuição aos colegas de licenciatura.

OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Apresentar propostas de planos de aulas, utilizando como referências minhas experiências pessoais e pesquisas realizadas durante os estágios obrigatórios do curso de licenciatura em artes visuais para auxiliar os estagiários na regência em sala de aula.

2.2 Objetivo específico:

Propiciar aos futuros professores de artes, uma reflexão sobre o que realmente pode ser eficaz em matéria de aplicação prática de artes em sala de aula, para transformar seus alunos em cidadãos críticos e capazes de reconhecer um objeto artístico e ter opinião própria sobre a idéia dos artistas.

3. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho tem como base minha própria experiência como aluna de licenciatura em artes visuais. Após ter sentido diversas dificuldades na orientação preparatória dos planos de aulas práticas de estágio, decidi viabilizar o presente material como fonte de consulta para os colegas estudantes e futuros professores de artes.

Este material na verdade representa minha ideologia de planos práticos de aula que possam dar uma base de início nas pesquisas de aprendizado docente.

Não quero aqui me desfazer ou desmerecer da parte teórica do curso, ao qual considero de extrema importância. Quero apenas e somente enfatizar a falta

que faz neste tipo de curso e deste nível a parte “prática” do ensino de artes em sala de aula, que é o que realmente nos interessa como professores.

4. METODOLOGIA

Revisão bibliográfica, relatório das atividades de estágio, entrevistas, propostas de planos de aula. Análise de planos de aula que são apresentados para os alunos da 5ª série(atual 6º ano) do Ensino Fundamental, Planos de aula pré-elaborados seguindo o direcionamento dos PCN's. Elaboração de sugestões de planos de aula.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1. A REALIDADE DOS ESTAGIOS NA UNB

“O **contrato de estágio**, no Direito brasileiro, tem por objetivo a regulamentação de um vínculo entre escola e o estudante. O estágio busca a complementação educacional em níveis superior e médio. Não é considerada pela lei uma relação jurídica de emprego. [Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008](#) (*Lei do Estagiário*) Favorecido pelo estágio: estudante, aquele que comprovadamente frequenta curso de nível superior, profissionalizante de 2º grau, ou escolas de educação especial”;

De acordo com o manual do estagiário em artes visuais, da Universidade de Brasília, as tarefas de início dos estágios abrangem pesquisas, entrevistas com o professor cooperador e observações, para depois poder entrar em sala de aula e poder reger uma aula inaugural.

O foco destes estágios é a aquisição de competências por meio do desenvolvimento de habilidades, com conteúdos relevantes e contextualizados, onde o estudante de artes visuais deverá ao fim do curso ter as habilidades de saber fazer algo específico, estando associado a uma ação. Pode ser física ou mental, mas que seja indicadora de uma capacidade (identificar, relacionar, aplicar, analisar, sintetizar, avaliar e manipular com destreza).

“As capacidades e competências vem associadas às estruturas resultantes do desenvolvimento de um conjunto de habilidades associadas a uma função, no caso ser professor, artista plástico, pesquisador, historiador, teórico da arte”. (DIAS, 2008).

No curso de licenciatura em artes visuais da Universidade de Brasília temos as disciplinas “Estágio Supervisionado “1”, “2” e “3”, que são obrigatórias e pré-requisitos para a finalização e diplomação do curso. Nestas disciplinas o estudante de licenciatura passa a ter contato com a escola, a sala de aula e os alunos. Sendo que em estágio 1 temos a observação, em estágio 2 a observação e a participação e em estágio 3 a participação e a regência, que é o momento onde temos que dar aulas efetivas.

As outras disciplinas obrigatórias na área de pedagogia são: Fundamentos do Desenvolvimento da Aprendizagem; Didática Fundamental; Psicologia da Educação; Fundamentos da Educação; Psicologia da Educação e Organização da Educação Brasileira. Que são ministradas nas dependências da Faculdade de Educação da UnB.

A seqüência do curso prevê que façamos primeiro a disciplina de Fundamentos do Desenvolvimento da aprendizagem e Didática Fundamental para termos embasamento antes de assumirmos uma sala de aula. As outras matérias podem ser feitas durante os períodos de estágio.

Nestas disciplinas são abordados desde psicologia até técnicas comportamentais, para que o futuro licenciado possa se preparar para o que vai encontrar em sala de aula em matéria de comportamento e atitude dos alunos.

São vistos pensadores, filósofos, artistas, professores e pesquisadores na área educacional. Em todos os momentos nos foi passado teoria de comportamento, teoria de avaliação, teoria de aula... sempre teoria.

Enquanto estávamos nas teorias eu sempre me perguntava sobre como lidar com essas problemáticas, pois na maioria dos assuntos estudados falavam sobre traumas psicológicos e alterações comportamentais.

Na disciplina “Estágio 1” não precisei ainda, lidar diretamente com os alunos. No início das minhas experiências em sala de aula, eu deveria “somente”, observar um professor em sala de aula, avaliar os resultados obtidos e no final preparar um relatório crítico desta observação. Seria simples então, se desde antes deste

momento eu estivesse preparada para avaliar e criticar a professora, só que não foi bem assim, pois a professora utilizou métodos que eu não conhecia e pessoalmente não aprovaria. Me senti sem parâmetros para comparar, avaliar e criticar as aulas aplicadas por ela.

Esta falta de parâmetros continuou até o fim dos “Estágios 2 e 3” mesmo após diversas pesquisas, pois o embasamento comparativo ficou em aberto. E o pior é que nestas duas etapas eu tive que reger aulas, algumas vezes sozinha, sem a ajuda dos professores supervisores que em certas situações estavam tão perdidos quanto eu; sendo que a professora do segundo estágio ainda contava com um agravante que era ter se formado em Artes Cênicas, tendo sido contratada para dar aulas de Artes plásticas e não ter idéia do que dar em sala. Neste caso ela usava o improvisado para montar suas aulas tornando-as chatas e repetitivas, além de fazer com que os alunos se tornassem dispersos e desinteressados.

No terceiro estágio achei que a professora de artes fosse bem mais preparada por se tratar de uma escola particular. Grande engano! Esta professora também não tinha preparação antecipada de planos de aulas e dava somente aulas teóricas, mesmo contando com espaço de oficina/ateliê e material artístico disponível á vontade. Ela retirava o conteúdo seguindo o livro didático de acordo com a cronologia dos movimentos artísticos. Apresentava leitura de imagens e era só isso. Nada prático. O resultado foi o esperado, os alunos também, desinteressados e desmotivados.

5.2 . OS TEÓRICOS

Entre a bibliografia estudada começo citando a professora Dinorath do Valle (1970) que diz em seu livro “*Arte Infantil na Escola Primária*”,

“uma das mais dolorosas verdades sobre a escola primária é que cada vez mais são raros os professores que dão regular e conscientemente, aos alunos, todas as matérias do currículo escolar. Não se trata de preguiça ou má vontade, como pode parecer a qualquer observação superficial, pois, na grande maioria dos casos, o professor primário é dedicadíssimo ao seu trabalho, não se furta a realizar nenhuma de suas partes, desde que esteja convencido de seus fundamentos e necessidades”.

De acordo com a professora, uma das matérias do currículo escolar relegada ao ostracismo em Arte Educação é o desenho. Poucos professores

ministram as aulas reservadas para tão importante disciplina, alguns nem sabem como dar aulas de desenho, resolvendo os problemas que surgem com lógica de adulto.

A maneira mais comum é deixar fazer por fazer, sendo melhor do que não fazer nada.

Sabemos que a legislação atual restringe a atuação do professor de artes para á partir da quinta série do ensino fundamental.

Durante meu curso estudei diversos autores como Vigotsky, Piaget, Wallon, Ana Mae, entre outros.

Em Vygotski estudei sobre a análise teórica sócio-histórica para o desenvolvimento e aprendizado, a relação entre pensamento e linguagem, a importância do meio social para as funções psicológicas. Identificando o papel do professor na zona de desenvolvimento proximal e as implicações pedagógicas.

“As Zonas de desenvolvimento proximal: diferença entre o que a criança consegue aprender sozinha e aquilo que consegue aprender com a ajuda de um adulto; A Mediação: enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto dos objetos, mas acesso mediado em dois níveis de desenvolvimento. E o real - potencial, o professor como condutor do processo.”VYGOTSKI

Com Piaget vi o processo através do qual o mundo dos significados tem origem: a organização e integração do conhecimento. A evolução da inteligência e a Epistemologia Genética.

Com Wallon, o estudo foi os fatores orgânicos e sociais (interativismo), alternância funcional: afetividade(eu) x aspecto cognitivo (outro). São 04 estágios marcados por rupturas e retrocessos. A integração funcional: funções mais evoluídas não suprimem as mais arcaicas (controle). Afetar e ser afetado.

Ana Mae fala sobre a Proposta Triangular, que designa três ações mentalmente e sensorialmente básicas, a criação (fazer artísticos), a leitura da obra de arte e contextualização. Sendo idéias decorrentes da DBAE Americana e da Aprendizagem Triangular. Esta autora foi a que mais se aproximou do que eu imaginava enfrentar em sala de aula.

“A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna, por tudo isso e por articular arte como expressão e cultura de sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade”. (Ana Mae, 1998).

Mas quando precisei deles para montar os planos de aula, não senti onde efetivamente poderia utilizar e praticar tantas teorias. O certo seria em sala de aula, mas quando? E em qual momento? Quando eu devia dar composição de cores? Ou falar dos movimentos artísticos? Em qual seqüência? E principalmente, como preparar estas aulas práticas?

Bom, todas estas questões eu tive que resolver sozinha; por isso neste trabalho de conclusão do curso pretendo deixar minha reflexão e contribuição aos colegas de licenciatura em fase de estágio que possam se sentir indecisos e inseguros para entrar em uma sala de aula.

5.3 DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS OBTIDAS EM SALA DE AULA

Em estágio 1, a escolha foi pela escola Classe 303/304 Norte, e aconteceu no segundo semestre de 2009, com alunos de 12 anos a 16 anos, cursando da 5ª até a 8ª série do Ensino Fundamental.

Fiz 30 horas/aula de observação junto a professora Carmem, que é formada em Educação Artística e foi diretora desta escola por muitos anos. Ela perdeu a função de diretora quando o cargo passou a ser escolhido pela comunidade e não mais sendo um cargo político. Tendo assim que voltar para as salas de aula.

Pude perceber que além de estar cansada, ela estava em período de aposentadoria e aguardava em sala de aula poder se afastar da área de ensino. Ela visivelmente estava desmotivada.

Suas aulas não tinham uma seqüência lógica e interessante. Iniciava falando sobre cores, pulava para desenho, depois movimentos artísticos, isso tudo em uma mesma aula, sem uma continuidade entre os assuntos. Neste momento questioneei qual o tipo de aplicação metodológica estava sendo usada. E a informação foi que

não tinham metodologia prévia, que a cada semana se fazia um plano de aula de acordo com o material existente e disponível.

Em muitas ocasiões o planejamento semanal de aulas era baseado em algo que foi aplicado em outras turmas nos anos anteriores e que tinha dado certo.

Observei que nesta escola havia uma troca de experiências e conteúdos entre os professores com o objetivo de aplicar uma pseudo interdisciplinaridade. O que resumindo seria a aplicação de conteúdos de matemática em aulas de artes, tanto quanto de artes em aula de química. De acordo com a professora, este procedimento é incentivado e orientado pelo MEC.

Com o uso desta metodologia os alunos acabavam não sentindo o menor interesse ou vontade em realizar os trabalhos propostos

Acho que em muitas vezes as explicações da professora sobre as atividades artísticas aplicadas em sala de aula eram tão resumidas e superficiais que eu como graduanda não entendia muito bem o que ela queria dizer, imagine os alunos.

As turmas eram de alunos de 5^a a 8^a series, de diferentes faixas etárias, juntos na mesma sala de aula e em diversos estágios de conhecimento. E é aplicado a todos a mesma atividade: pinturas, desenhos, movimentos artísticos, práticas manuais e etc.

Isso sem levar em conta que alguns estudantes já tinham visto tudo anteriormente, às vezes com a mesma professora. Pois, muitos alunos freqüentam durante três anos a mesma escola Parque, (que é aquela onde o aluno tem as atividades de artes, música, teatro, esportes, atividades físicas, em horário alternado ao das aulas).

Não posso deixar de comentar que a escola dispunha de todo material artístico e didático necessário para uma boa aula, além de sala de aula ambiente adequada e permanente. Neste caso a professora não poderia alegar precariedade de material ou espaço físico.

O 2^o estágio aconteceu no segundo semestre de 2009, optei por uma escola pública com alunos de 10 a 16 anos, de 5^a até a 8^a série de Ensino Fundamental, o

Centro de Ensino 01 do Núcleo Bandeirante. Lá conheci a professora Rosário, que seria a professora coordenadora. Em uma reunião antecipada ao início do estágio tive a oportunidade de entrevistá-la e esclarecer algumas dúvidas sobre a escola e os alunos, além de ver o tipo de trabalho desenvolvido pela mesma.

Nas questões feitas, procurei informações que pudessem me esclarecer sobre as aulas de artes em escolas que não contavam com os mesmos recursos de material e espaço da Escola Parque.

Para a minha decepção aconteceu o mesmo fato da Escola Parque com esta professora, o de não ter um planejamento de aulas anual, semestral ou mesmo bimestral. A preparação das aulas eram feitas no máximo na semana anterior a aula (só tem uma aula dupla semanal de 45min cada totalizando 90min) e na maioria das vezes sem nenhuma pesquisa prévia de outras experiências, o que na minha opinião seria obrigatório na montagem das aulas.

Para dificultar ainda mais ela também usava o sistema de interdisciplinaridades no qual, os professores ensinam as outras matérias dentro de suas disciplinas ocupando assim boa parte das aulas com atividades fora do contexto artístico.

Foi desmotivante observar que as disciplinas como matemática e português estavam sendo ensinadas nas aulas de artes e ocupando o tempo já escasso. Além do mais senti que os alunos ficaram com pouco ou nenhum interesse em participar das aulas. Principalmente quando eram dadas aquelas folhas para pintar números ou mesmo ler textos ao invés da prática artística.

Após observar por duas semanas nas várias turmas, resolvi aplicar as aulas práticas que eu planejei, somente em três turmas que ficavam nos últimos horários das aulas do dia, para poder avaliar melhor o desempenho dos alunos.

Como ela não planejava as aulas baseadas em nenhuma pesquisa, optei por apresentar coisas diferentes do que ela dava. Sem seguir por nenhuma regra cronológica ou seqüencial, montei aulas com modelagem, colagem, pintura, musica, dança, representação, mímica e desenho ao ar livre.

Todo o material aplicado em sala de aula foi comprado por mim e entregue

aos alunos, porque a escola não tinha os recursos materiais necessários para poder aplicar as propostas de planos de aula que eu desenvolvi.

Os únicos recursos materiais disponíveis eram a sala de vídeo que ficava fechada e era necessária uma solicitação de uso com bastante antecedência, papel sulfite, máquina de Xerox e alguns lápis de cor, que a professora tinha disponível no armário.

O resultado dos planos de aula que apresentei foi melhor que o esperado por mim e pela professora cooperadora. Os alunos demonstraram empolgação e motivação com as aulas dadas.

Ao ouvir alguns comentários dos alunos do tipo... “- você poderia ser a nossa professora, deixou feliz e abriu uma idéia de que eu estaria indo pelo caminho certo.

Ao fim das minhas aulas obrigatórias do estágio, a professora pediu que eu continuasse lhe ajudando com as aulas. E por em certo tempo eu ainda continuei auxiliando-a e após a minha saída deixei outros planos de aulas para que ela pudesse dar seqüência ao que eu tinha começado.

Mas, sinceramente me senti insegura para continuar além do planejado, pois vi que eu deveria estar muito mais preparada para ensiná-los em matéria de artes, para torná-los cidadãos críticos e que entendessem um objeto artístico.

Após o fim deste estágio, a minha frustração quanto à sala de aula estava muito maior e cheguei a conclusão que não era por causa da presença ou ausência de materiais de trabalho, pois tinha encontrado uma escola que tem material sobrando e outra que não tinha nada. O que me frustrou, foi a falta de preparação das professoras para dar aula. Sendo que ambas eram professoras de artes, só que uma com habilitação em artes plásticas e outra em cênicas.

No 3º estágio no primeiro semestre de 2010, pensei em mudar meu foco totalmente e procurar uma escola particular. Além de sair do círculo do Ensino Fundamental e passar para o Ensino Médio.

Eu imaginava que a escola particular fosse uma escola com preparação exemplar dos professores e que eu encontraria uma professora que pudesse

responder aos meus questionamentos. Então escolhi a Escola La Salle de Águas Claras, com alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio, com idade entre 14 e 18 anos e a professora cooperadora se chamava Andreza.

Qual não foi a minha surpresa e decepção ao descobrir que o mesmo problema que eu encontrava nos estágios anteriores, foi visto por mim nesta escola que deveria ser na minha concepção o exemplo a ser seguido.

A professora do La Salle contava com todos os recursos sonhados pelos professores de artes. Tais como: TV, DVD, computador, laboratório de artes e experimentações, materiais artísticos e didáticos, teatro, sala de música...

Mas ela só dava texto e leitura de imagens, alegava que a escola no segundo grau priorizava o PAS (que é a prova do vestibular em 03 etapas), então não tinham aulas práticas.

Mesmo sabendo disso antecipadamente, achei que seria muito interessante, acompanhar esta professora durante certo tempo e observá-la em sala de aula para poder seguir seus planos de aula.

Bom, para minha surpresa ela também não tinha planos de aula, seguia a livro didático de acordo com a seqüência do mesmo, não tinha nada de interessante nas aulas e os alunos ficavam o tempo todo conversando e as meninas se maquiando.

Planejei várias aulas com atividades externas e outras como teatro e desenho ao ar livre que foram vetados pela professora, porque de acordo com ela não daria tempo de apresentar o conteúdo do PAS se eles não ficassem dentro de sala de aula.

Neste caso, pelo menos eu tinha uma seqüência a seguir que seria o livro didático usado pela professora cooperadora. Só que, eu não poderia apresentar aos alunos na prática o que realmente seria trabalhar com materiais artísticos.

Muito menos passar a eles o que realmente é ser um artista plástico se eles não podiam nem ter um encontro com os materiais ou com as tintas fabricadas por eles mesmos. Quem sabe até sentir o que é fazer uma obra artística por fazer, sem

pensar em lucrar, simplesmente por se sentir bem fazendo aquilo.

Bom, no final a conclusão que tive destes estágios é que os professores de artes que conheci são teóricos e não professores práticos. E esta formação teórica é incentivada pela universidade, pois durante o meu curso a prática que tive foi como artista plástica e não como professora.

A razão deste comentário é que durante o curso somos preparados para conhecer as técnicas de produção artística tais como: escultura, gravura, pintura entre outras, sempre no intuito artístico, mas em nenhum momento foi passado onde eu poderia usar estas técnicas na licenciatura. Não vi como poderia ensinar gravura para crianças. Nem mesmo nas disciplinas que são as consideradas como “pedagógicas”.

Questionei uma das professoras do porque de não se ter matérias práticas mais voltadas á sala de aula e a informação da mesma foi que o próprio aluno deveria montar suas aulas de acordo com a sua necessidade e ficaria na responsabilidade dele pesquisar e encontrar estas respostas.

Será mesmo que o graduando tem como preparar aulas que sejam didáticas e promovam a crítica dos alunos em sala de aula se ele não tem a mínima idéia do que deve dar nestas aulas?

Vale a pena ressaltar que no inicio do curso de Licenciatura, quando cursei a disciplina de didática fundamental, foi apresentado uma ampla proposta metodológica para refletirmos sobre a educação e a formação do educador.

A compreensão da prática, a crítica, a avaliação de um plano de aprendizagem e os tão esperados planos de aula, foram deixados para o final.

Sendo que estes planos de aula se compõem da parte mais importante, pois abrange aonde devemos procurar as informações que precisamos para planejá-los. Ou seja, em exposições, debate, leitura analítica, exercícios, relatórios, atividades individuais e em grupos, livros pedagógicos, programas em CD e de TV, filmes, pesquisas em campo, bibliotecas e sites. Volto a comentar, tudo teoricamente falando...

Senti a falta de uma disciplina do nosso departamento que unisse a teoria pedagógica e os conteúdos aprendidos em didática com a prática em artes visuais.

Eu acredito que no meu caso, procurei me aperfeiçoar nas aulas e mostrar um comprometimento maior na pesquisa dos planos de aula.

Assim como Saviani (1999), acredito que há a

“necessidade de preparar o indivíduo e a sociedade para o domínio dos recursos didáticos, científicos e tecnológicos; que lhe permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio”

Efetivamente o que ocorreu foi que senti uma verdadeira complicação mental na hora de fazer o planejamento das aulas dos estágios, porque na universidade estudamos basicamente o contemporâneo, aquilo que está fora dos padrões das salas de aula... e porque está fora? Simplesmente porque o contemporâneo não aceita o artesanato e a base da aprendizagem artística em sala de aula é ARTESANAL. Neste caso o curso não está sendo voltado à licenciatura e sim as Artes Visuais.

Sendo um professor contemporâneo posso usar o artesanato em sala de aula?

Mas também como posso deixar de usá-lo?

Meu nível de auto exigência é elevado e isso sinceramente me preocupa. Pois acredito que é o que diferencia o professor que é realmente comprometido daquele que vai para as aulas todos os dias só para cumprir sua carga horária e receber seu salário no fim do mês.

Acho que os professores mal formados e mal preparados, acabam se frustrando por não saber como agir em sala de aula. E isso também frustra os alunos tornando a matéria de artes algo desinteressante.

5.4 AS AULAS DE ARTES E A IMPORTÂNCIA DOS PLANOS DE AULAS

“fixar as diretrizes da educação nacional não é outra coisa senão estabelecer os parâmetros, os princípios, os rumos que se deve imprimir à educação no país. E ao se fazer isso estará sendo explicitada a concepção do homem, sociedade e educação através de enunciado dos primeiros títulos da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional relativos aos fins da educação, ao direito, ao

dever, à liberdade de educar e ao sistema de educação bem como à sua normatização e gestão” Demerval Saviani, (1999).

Pretendo neste momento apresentar opções de planos de aula para estudos e reflexões em uma seqüência que possam ser bem aplicadas em sala de aula com alunos a partir da 5ª série) do Ensino fundamental.

Sendo a base destes estudos, uma proposta educacional que forme um aluno criativo, responsável, auto-idealizador, realizado e capacitado com um pensamento crítico próprio, capaz de interagir com o objeto artístico, tanto quanto com os materiais e obras artísticas.

A proposta neste caso é de trazer o aluno do ensino fundamental a entender a crítica de todos os atos diários, ou seja, o porque de cada coisa artística.

Nesta fase escolar, ele questiona e precisa de respostas retas sem subterfúgios e ao tentarmos lhe esclarecer algumas dúvidas, quem sabe também levá-los a criar outras questões em sua mente. A intenção é trazê-lo para uma inclusão consciente no comportamento criativo.

Seguindo este raciocínio considero o contexto do planejamento do professor provavelmente como o elemento mais decisivo para criar o aprendizado que produz o rendimento e a criatividade do aluno.

A grande diferença neste planejamento é entre esperar que aconteça e fazer acontecer, levando em consideração as habilidades e a singularidade de cada aluno. Esta proposta busca principalmente a singularidade destes alunos, levando em conta suas facilidades e dificuldades.

Exemplo: o aluno que gosta de ler, pode ter aulas mais teóricas e mais significativas em questões de textos com maior conteúdo e complexidade. O aluno que tem mais habilidade prática pode ter seu desenvolvimento aplicado em aulas com mais desenvolvimento prático. Pode-se criar uma sala com dois ambientes, um para leitura e outro para a prática.

“O movimento artístico engloba a Teoria Crítica, A História das Artes e a própria Arte”.

Isto é necessário para que ao final do ano letivo os alunos tenham se aprofundado melhor levando em conta suas habilidades específicas.

As aulas para serem bem aproveitadas devem ter conteúdo teórico e prático com algum sentido e objetivo.

O importante é não generalizar e usar da individualidade do aluno como o maior parâmetro a ser estudado.

Sendo que o primeiro passo a ser dado neste sentido é diagnosticar junto com o aluno a sua própria singularidade. Esta descoberta pode ser diagnosticada através de entrevistas, prova prática, ou em uma conversa informal. Ou mesmo outro método diferenciado que possa abrir esta porta de aprendizagem que deve ser identificado durante a pesquisa.

Saber o que pode estimular ou desestimular um aluno deve fazer parte do planejamento de aula de cada professor.

Segundo Edgar Morin, (1921, 2004)

“a educação do futuro deverá ser primeiro e universal, centrado na condição humana.(...) estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.(...) Disso decorre que, para educação do futuro, é necessário promover grande....integração na (educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes....

5.5 MODELOS DE PLANOS DE AULAS BASEADOS NOS PCN'S E NA LDB

Tecnicamente, plano de aula, é a previsão dos conteúdos e atividades de uma ou de várias aulas que compõem uma unidade de estudo. Ele trata também de assuntos aparentemente miúdos, como a apresentação da tarefa e o material que precisa estar à mão. “Esses detalhes fazem toda a diferença e garantem 90% do aprendizado dos alunos”, diz Patrícia Diaz, coordenadora pedagógica do programa Escola que Vale, do Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (Cedac), em São Paulo.

Além de, contribuir para a compreensão do processo educativo, com suas abordagens de temas que sirvam de reflexões e análises da prática educativa, estabelecendo relações com os programas de estudos propostos pelos professores.

E no final entender como se dão a aprendizagem e a construção do conhecimento.

O plano de aula se articula com o planejamento – a definição do que vai ser ensinado num determinado período, de que modo isso ocorrerá e como será a sua avaliação.

“O planejamento, se baseia na proposta pedagógica, que determina atuação da escola na comunidade: linha educacional, objetivos gerais e etc.(FERRARI, 2009)”.

“Valoriza-se o trabalho individual, a atenção, a concentração, o esforço, a disciplina, como garantias para a apreensão do conhecimento, as trocas de informações, os questionamentos, as dúvidas e a comunicação entre os alunos.” (REGO, 1999).

O planejamento antecipado pode significar uma grande contribuição para a área da educação, pois trás importantes reflexões sobre o processo de formação das características psicológicas humanas e no plano pedagógico.

Usando por base os PCN’S e a LDB, montei os seguintes planos de aula semestral para alunos a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, divididos em bimestres (cada um com 12 aulas, uma por semana), com os conteúdos de artes, teatro, musica e dança.

Na primeira etapa será abordado somente artes visuais e falará sobre os seguintes temas:

- Cores, Materiais em arte e Iniciação ao desenho.

CRONOGRAMA DE AULAS E ATIVIDADES PARA O INICIO DO ANO LETIVO

Início do período letivo de 07 de fevereiro a 04 de junho com 01 aula dupla semanal de 90 min.

Aula	Dia	Data	Conteúdo e Descrição	Metodologia	Atividade p/ entrega
01	Terça	08/02	Apresentação do professor e do programa de curso		

02	Terça	15/02	Experiência de observação e anotação	O aluno sai a campo para observar os objetos no espaço da escola, escolhe vários objetos e individualmente descreve cada um. Ex. a cor, a textura, o movimento.	Trazer a observação na próxima aula
03	Terça	22/02	Experiência de memorização e descrição	Em círculo os alunos são chamados individualmente a lembrar os objetos observados na aula anterior e descrever os detalhes, depois pegar as anotações feitas durante a aula anterior e ler o que foi observado.	Trazer para a próxima aula tinta guache nas cores amarelo, vermelho e azul, pincel e papel sulfite
04	Terça	01/03	Estudo inicial das cores e composições	Apresentar texto que fala sobre as cores e sua composições e iniciar o processo de conhecimento das cores. Iniciar o desenho do círculo cromático, pintar as cores primárias e as secundárias com tinta guache. Apresentar modelo para identificação.	Trazer para a próxima aula tinta guache branca e preta, pincel e papel sulfite
05	Terça	08/03	Estudo das graduações de cores em preto, branco e cinza	Solicitar ao aluno que em 03 folhas de papel desenhe um quadro em cada folha com 20 divisões de 1cm de comprimento e 10cm de largura. Peça-lhes que pinte a escala de preto para branco, de branco para preto e as duas cores se encontrando no meio. Apresentar modelo para identificação.	Trazer para próxima aula todas as tintas usadas anteriormente
06	Terça	15/03	Estudo de cores	Apresentar ao aluno desenhos de objetos, animais e plantas usando a tinta guache e as cores estudadas anteriormente, para que eles pintem de acordo com a memória de cores deles.	Trazer próxima aula cola, revistas e tesoura
07	Terça	22/03	Colagem	Levar desenhos xerocados em papel sulfite e solicitar que os alunos cortem e cole em cima dos desenhos as cores respectivas ao desenho apresentado.	Trazer próxima aula cola, revistas, tesoura, tinta guache, pincel.
08	Terça	29/03	Colagem e pintura – técnica mosaico	Apresentar aos alunos texto para leitura que fala sobre pintura e mosaico através dos séculos e solicitar aos alunos que façam um desenho livre e cole retalhos de revistas para montar um mosaico e utilizem a tinta para fazer os acabamentos. Importante levar imagens que demonstrem a técnica ensinada.	Trazer próxima aula cola, fita adesiva, papel higiênico ou absorvente, balão, papelão
09	Terça	05/04	Materiais em arte – papel marche	Mostrar aos alunos objetos feitos de papel marche e ensinar a técnica. Iniciar junto com os alunos alguns objetos de papel marche.	Trazer próxima aula cola, fita adesiva, papel higiênico ou absorvente, balão, papelão
10	Terça	12/04	Materiais em arte – papel marche	Continuação da aula anterior	Trazer próxima aula, terra, cola, ovos, xadrez
11	Terça	19/04	Materiais em arte – tinta	Apresentar aos alunos como fazer tintas e materiais de pintura caseira. Levar livros que falem sobre o assunto e ler junto com os alunos sobre as técnicas de produção de material de pintura	Trazer próxima aula, pano, cola e gesso em pó, papelão
12	Terça	26/04	Produção artesanal de telas para pintura	Ensinar aos alunos a produzirem suas próprias telas usando tecidos coloridos que serão pintados pelos alunos	Trazer próxima aula, argila e retalhos de pano e saco plástico
13	Terça	03/05	Início dos estudos sobre escultura	Usando argila e um objeto de observação, solicitar aos alunos que tentem produzir baseados no objeto apresentado uma obra que lembre o que este objeto	Trazer próxima aula, argila e retalhos de pano e saco plástico
14	Terça	10/05	Estudo de técnicas de escultura	Continuação da aula anterior	
15	Terça	17/05	Início de estudos sobre desenho	Leitura de textos e imagens que falem sobre desenho	Trazer próxima aula lápis, borracha e caderno de desenho
16	Terça	24/05	Continuação de estudos sobre desenho	Início do desenho de observação de objetos inanimados	Trazer próxima aula lápis, borracha e caderno de desenho
17	Terça	31/05	Continuação de estudos sobre desenho	Apresentar a técnica de perspectiva	Trazer próxima aula lápis, borracha e caderno de desenho
18	Terça	07/06	Continuação de estudos sobre desenho	Apresentar o desenho anatômico	Trazer próxima aula lápis, borracha e caderno de desenho
19	Terça	14/06	Continuação de estudos sobre	Apresentar o desenho arquitetônico	

			desenho		
20	Terça	21/06	Iniciar processo de montagem de exposição dos trabalhos feitos no 1º e 2º bimestres e portfólio dos alunos		Solicitar que tragam todos os trabalhos feitos em sala de aula
21	Terça	28/06	Iniciar a avaliação individual dos alunos	Solicitar que os alunos tragam suas pastas com os trabalhos e junto com cada um verificar o que foi feito e o que precisa melhorar e dar a nota de acordo com a opinião do aluno.	
22	Seg/se x	De 04 a 08/07	Exposição dos trabalhos feitos em sala de aula		Fim do bimestre e férias escolares

CONCLUSÃO

Ao serem propostos os exercícios acima com as atividades práticas e teóricas deve-se observar uma constante sintonia com o desenvolvimento das capacidades e habilidades artísticas e estéticas dos alunos que estão sendo trabalhadas.

Para Fusari e Ferraz (1993), pode-se organizar exercícios e atividades como uma busca de soluções para os problemas da arte educação pensados a partir da realidade dos alunos. Esses trabalhos escolares podem levar o aluno tanto ao fazer artístico quanto ao ato de comparar, criticar e contrapor as produções artísticas próprias e de outros autores.

Acho muito interessante e necessário relatar as experiências encontradas e poder também, ajudar dando minha contribuição na reflexão e preparação dos futuros arte educadores para a linguagem de sala de aula.

Na minha experiência senti necessidade de apresentar planos de aula e sem ter qualquer embasamento prévio de como proceder e o que apresentar.

Fiquei insegura e não fiz um bom trabalho, como deveria ser, procurei referências por conta própria sem o suporte do meu professor.

Consegui terminar o que seria obrigatório, mas se tivéssemos um outro tipo de apoio seria muito mais prazeroso e educativo chegar neste momento da vida escolar.

Para Madeline Hunter (1983)

“o ensino quando embasado em conhecimentos anteriores tem a probabilidade de ter seu fator de aprendizado muito superior aquele que

nada conhece, mas o que é necessário antes de mais nada, uma percepção do educador para estimular o lado positivo da aprendizagem e saber distinguir do lado negativo. Outra coisa importante é saber do aluno no seu meio ambiente, dos seus sentimentos e das atividades desenvolvidas fora de sala de aula”.

Gostaria de sugerir que a partir da nova formulação do curso de Licenciatura em Artes Plásticas, seja incorporada uma nova disciplina prática, que se inicie obrigatoriamente nos primeiros semestres e vá até o último semestre com o intuito de ensinar como um professor deve agir em sala de aula, não teoricamente, mas praticamente.

Acredito que assim, teremos professores mais preparados saindo da universidade com consciência e senso crítico. Podendo assim, tornar os seus alunos em futuros adultos dotados de sabedoria e gosto artístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae(org) **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**, São Paulo: Cortez, 2008

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/Educação no Brasil: das origens ao modernismo**, São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e Prática da Educação Artística**, São Paulo: Cultrix, 1975.

BOUGHTON, Doug “**Avaliação: da teoria á pratica**”, in, BARBOSA, Ana Mae(org) **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**, São Paulo: Cortez, 2008.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca, **LDB passo a passo**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional lei Nº 9.394/96 comentada e interpretada, artigo por artigo, 3ª edição, atual. – São Paulo: Editora Avercamp, 2007.

CRUZ, Terezinha Rosa. **Funções da Arte na Educação**. Brasília: In Revista Educa N. 34. Ed. MEC, 1980.

DIAS, Belidson, **Programa e Manual do estagiário em artes plásticas**”, UnB,

2008.

FONTANA, David. **Psicologia para professores**. São Paulo: edições Loyola, 1998.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**, São Paulo: Paz e Terra, 1975.

FUSARI, M^a F.R, FERRAZ, M^a H.C de T. **Arte na Educação Escolar**, São Paulo, Cortez, 1993 (Coleção Magistério 2] grau. Série Formação geral)

HERNANEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat, **A Organização do Currículo por Projeto de Trabalho**, 200 págs, Ed.Artmed, São Paulo.

HERNANDES, Fernando, **“A avaliação na educação artística”, in Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**, Porto Alegre: ArtMed, 2000.

HUNTER, Madeline, **Ensino para a transferência: um livro programado**; tradução de Nadja do Couto Valle, Petrópolis, Vozes, 1983.

IABELBERG, Rosa, **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**, Porto Alegre: ArtMed, 2003.

LOPES DE OLIVEIRA, M.C.S.(2005). **O conhecimento como descentração: a perspectiva de Jean Piaget sobre a construção do conhecimento**. Em L.H.Z. Pulino, S.B. Barbato(orgs.): **Aprendizagem e a formação do professor**. São Paulo: Moderna; Brasília-DF: Universidade de Brasília.

MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.) **A arte pesquisa**, Vol. 01 Ensino e aprendizagem da arte, Linguagens Visuais, Brasília-DF: Mestrado em Artes, UnB, 2003.

MORIM, Edgar, **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 9 edição – São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2004.

PERRENOUD, Phillipe, **10 novas competências para ensinar**, Porto Alegre: ArtMed, 2000

REGO, Teresa Cristina (1999). Pressupostos filosóficos e implicações educacionais do pensamento vigotskiano (cap. 3) **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural**

da educação (pp. 85-118) Petrópolis, Editora Vozes.

SAVIANI, Demerval, *A Nova LDB. Limites e perspectivas*. In: "A Nova Lei da Educação: **LDB – Trajetória, Limites e Perspectivas**. São Paulo. Ed. Autores Associados, 1999, PP.189-227.

VALLE, Dinorath do, **Arte infantil na escola primaria** – para professores e normalistas – Livraria Nobel – São Paulo, 1970.

VALLEJO, José Bautista, **Uma Escola com Projeto próprio**, Ed. DP&A, São Paulo

VYGOTSKI, L.S.(1998). **A formação social da mente**. (PP. 25-40 e 69-76) São Paulo: Martins.

Secretaria da Educação do Distrito Federal, **Currículo da Educação Básica das escolas Públicas do Distrito Federal: Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série – versão experimental**, janeiro 2000.

Ministério da Educação e Desporto, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais e Arte: 5ª a 8ª séries e ensino médio, Brasília, 1998**.

INTERNET

<http://escolaquevale.org.br> em 14 de outubro de 2010.

<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf> de 18/11/2010

PERIÓDICOS

Arte na Escola - Arte Premiada – Cobertura completa do IX Prêmio Arte na Escola Cidadã – Boletim no. 52 – Rede Arte na Escola – São Paulo – Out/dez 2008.

SOUSA, Cleide Aparecida Gonçalves de. **Educação para o Lazer e Educação estética. História das Artes Visuais na Educação Infantil**. Revista Digital – Buenos Aires – ano 12 – no. 111 – agosto 2007 – CAPES

ANEXO**LDB E PCN'S****Os Parâmetros Curriculares:****Trecho do Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal****– Ensino Médio:**

“A arte de acordo com a atual proposta curricular do Distrito Federal, tem como princípio básico o respeito pela expressão cultural múltipla e inventiva e a formação de cidadãos ativos e solidários. Nessa perspectiva, a Arte em seu processo educativo, deverá contemplar a pluralidade cultural que o Distrito Federal traz desde a sua origem, sua condição de centro das grandes decisões nacionais e de patrimônio cultural da humanidade, com garantia de acesso, decodificação e valorização dos nossos bens culturais e artísticos, conhecendo e valorizando artistas e produtores da arte brasileira....Portanto, é função da Escola promover a formação artística, crítica e estética dos alunos, sistematizando as atividades espontâneas e expressivas em processos com princípios próprios da invenção artística de modo que favoreça a integração entre a aprendizagem racional, estética e a auto-expressão, instrumentalizando os alunos na compreensão do fenômeno artístico, para que sua produção ganhe sentido e seja enriquecida pela reflexão sobre arte como objeto de conhecimento.”

**CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS
DO DISTRITO FEDERAL**

Pág. 208 - Ensino Fundamental de 5a a 8a Série

Competências, Habilidades e Procedimentos em ARTES VISUAIS na 5a Série

- Refletir sobre trabalhos, elaboração conjunta e atividades em grupo.
- Utilizar registros (gráficos, pictóricos, audiográficos, escritos, fotográficos) sobre as questões trabalhadas na apreciação de imagens produzidas e observadas.
- Construir formas plásticas e visuais em espaços bidimensionais e tridimensionais com progressiva autonomia para concretizar procedimentos construídos.
- Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção.

- Expressar-se e saber comunicar-se em artes, mantendo atitude de busca pessoal e/ou coletiva.
- Inventar produções artísticas, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão.
- Utilizar elementos básicos da linguagem artística nas produções pessoais e coletivas.
- Empregar possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico.
- Empregar propriedades expressivas e construtivas.
- Realizar produções artísticas e construir formas pessoais de registros das experiências coletivas e/ou individuais, em artes visuais, por meio de análise, reflexão e compreensão dos diferentes processos inventivos com seus diversos instrumentos de ordem material e local, como manifestações socioculturais e históricas.
- Coletando recursos naturais (sementes, terra, rochas, galhos, carvão, pedras, ossos, espiga de milho...) e outros que interferem na natureza (papel de embalagens, plásticos, palitos de picolé, latas...), experimentando-os artisticamente em colagens e montagens.
- Coletando pigmentos naturais e vegetais, sem destruir a natureza, e experimentando-os em diferentes suportes e em suas criações artísticas.
- Produzindo murais e painéis, utilizando pigmentos naturais (carvão, urucum, açafrão, argila, beterraba, amora, rochas...) participando de trabalhos individuais e coletivos, discutindo e fazendo analogia com a temática utilizada pelo homem primitivo para pintar nas paredes das cavernas.
- Produzindo obras artísticas com estilo pessoal, debatendo com os colegas, argumentando sobre sua própria produção e contextualizando com a produção social da arte.
- Elaborando formas pessoais de registro das informações e atividades executadas: fotografias, fita cassete, filmagem, álbum com colagens e reportagens, desenhos, textos críticos das experiências vivenciadas, comparando-as no percurso e avaliando a sua produção.
- Representando figuras em movimento nas cenas do cotidiano, contextualizando com o passado.

- Expressar sentimentos, sensações e pensamentos por meio de atividades pictórica e gráficas.
- Explorar espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos.
- Utilizar materiais, instrumentos e procedimentos variados nas produções visuais.
- Experimentar, investigar, utilizar e fazer escolha de suportes, técnicas e materiais diversos.
- Controlar gradualmente o próprio gesto, aperfeiçoando e ajustando suas habilidades motoras.
- Construir, progressivamente, um percurso de invenção pessoal cultivado nas interações que realiza no ambiente natural e sociocultural.
- Construir, com progressiva autonomia, formas pessoais de registros cultivados nas interações socioculturais.
- Conhecer, transformar e produzir os meios e instrumentos das linguagens artísticas e audiovisuais, associados a contextos culturais.
- Conhecer , utilizar materiais, suportes, instrumentos, procedimentos, técnicas, qualidades expressas com o presente, experimentando a técnica do desenho em quadrinhos e/ou desenho animado.
- Conhecendo pigmentos naturais utilizados nas pinturas corporais de diversas tribos indígenas e sobre a arte plumária, como manifestações artísticas, expressivas do índio brasileiro, assistindo filmes, lendo obras literárias, jornais, revistas, visitando exposições e museus.
- Experimentando fibras vegetais e outros materiais na arte do trançado, reconhecendo o valor cultural das diversas comunidades, na criação de cestarias, tapeçaria e outros utilitários.
- Modelando cerâmicas, utilitários e figuras do cotidiano (licocós), identificando nos objetos de cerâmica produzidos pelos índios, desenhos que revelam uma escrita rudimentar (ex: cerâmica, marajoara).
- Confeccionando máscaras e contextualizando-as com as culturas indígenas, negra, egípcia e grega.

- Fazendo produções artísticas, buscando inspirações na arte das civilizações - pré-colombianas e pré-cabralinas -, com técnica e diversidade de materiais na arte dos adornos e bijutérias.
- Experimentando as possibilidades de criação de figuras geométricas, por meio de colagens, conhecendo a técnica do tangran, originada na China.